

## O QUE AS CRIANÇAS PENSAM SOBRE O ACESSO AOS MUSEUS <sup>1</sup>

Paula Hilst Selli – UNESP

### Resumo

Este texto traz um recorte da pesquisa de mestrado “Crianças, museus e formação de público em São Paulo” (UNESP, 2011) onde discute-se a questão do acesso aos museus e instituições culturais a partir das falas de crianças sobre o assunto. Crianças do quarto ano do ensino fundamental de quatro escolas diferentes participaram da pesquisa e responderam a várias questões. Destaca-se neste texto a questão: será que todas as pessoas podem ir aos museus? As respostas dessas crianças, seus argumentos e o não consenso entre elas servem de base para discutir a questão do acesso aos bens culturais.

**Palavras-chave:** criança; museu; acesso; público.

### Abstract

*This text talk about a fragment of the master's research "Children's museums and audiences generation in Sao Paulo" (UNESP, 2011) where we discuss the issue of access to museums and cultural institutions from the children's perspective on the subject. Children from the fourth year of elementary education at four different schools participated in the survey and answered several questions. This text highlights the question: is that all people can enter the museum? The responses of these children, their arguments and the lack of a consensus among them are the basis for discussing the issue of access to cultural heritage.*

**Key words:** children; museum; access; audience

### Apresentação da Pesquisa

Em minha pesquisa de mestrado estudo a relação entre crianças e museus e parto destas relações para refletir sobre a questão da formação de público de museus e instituições culturais na cidade de São Paulo.

As relações entre crianças e museus são investigadas a partir das falas das próprias crianças sobre estas instituições, suas experiências e pensamentos acerca do contexto. Para isto, conversei no ano de 2009, com 95 crianças de cerca de nove anos de idade, de quatro escolas diferentes do município de São Paulo, duas escolas da rede pública (uma estadual e uma municipal) e duas escolas particulares (uma de pedagogia tradicional e uma pautada na pedagogia waldorf).

Através de um jogo com onze perguntas básicas, rodas de conversa e proposta de desenho sobre como é o museu, estas crianças contaram se, e como freqüentam estes espaços, quem intermedia esta relação, quais são os museus que conhecem,

como percebem estes espaços, suas funções, conteúdos e como se dá a abertura da instituição ao público em geral, segundo a sua visão.

De todas as perguntas feitas às crianças, não houve nenhuma que causasse tanta discussão ou que abrisse um leque tão grande de respostas quanto a pergunta “Será que todas as pessoas podem ir aos museus? Por que?” A proposta deste artigo é trazer as respostas das crianças para esta pergunta em particular para entender o que elas pensam sobre o acesso aos bens culturais como museus, centros culturais e instituições que apresentam exposições.

Embora o texto parta desta única pergunta, em alguns momentos serão trazidas questões pertinentes que se revelaram a partir de uma ou outra questão não discutida aqui, mas que podem ajudar a compreender o todo sobre a questão do acesso no universo dessas crianças.

Antes de entrar na fala das crianças propriamente dita é importante descrever rapidamente a metodologia utilizada, desta forma o leitor conseguirá compreender melhor cada contexto de fala. Os grupos participantes da pesquisa tiveram entre 9 e 18 alunos e, com exceção da escola waldorf, em cada escola a pesquisa foi realizada com dois grupos de crianças.

O primeiro momento era o do jogo de perguntas. Nele cada criança era responsável por uma pergunta e entrevistava todos os seus colegas para saber a opinião/experiência deles sobre aquele determinado assunto<sup>2</sup>. As entrevistas aconteciam em forma de jogo onde os alunos formavam e trocavam de duplas a cada rodada, procurando sempre um novo par para entrevistar e ser entrevistado. O objetivo era coletar a resposta de todos.

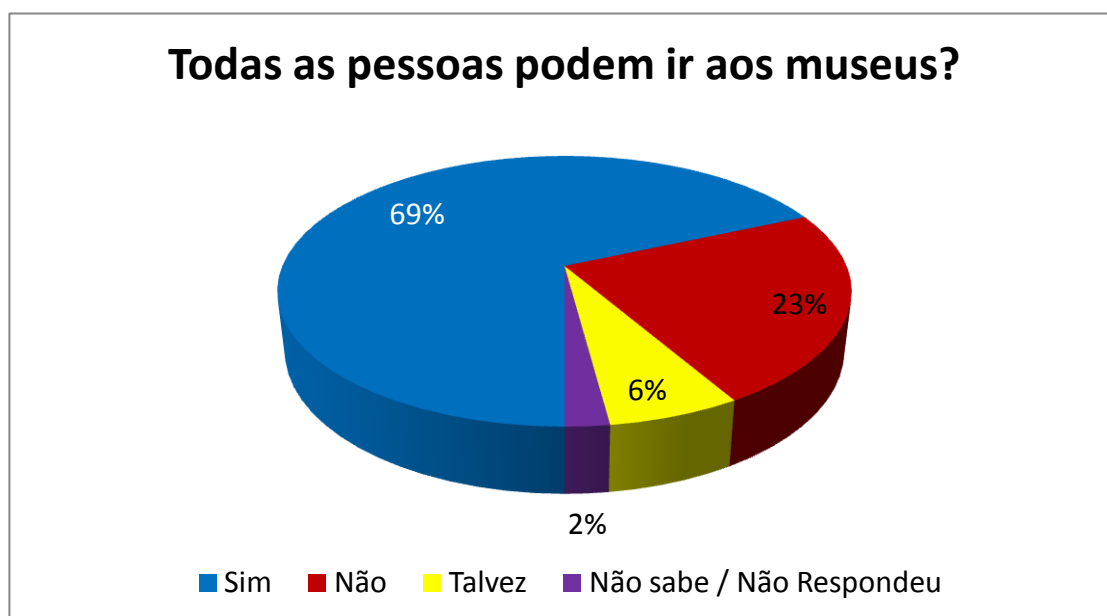
O segundo momento era o da roda de conversa. Logo após o jogo de perguntas, e partindo das respostas obtidas neste, o grupo conversava sobre as questões. Neste momento eu solicitava que complementassem algumas respostas, pedia depoimentos e tirava dúvidas. Os alunos acrescentavam tudo o que queriam sobre o assunto. Também foi durante as rodas de conversas que o tema do acesso se destacou mais, mostrando não ser uma questão de tráfego simples, gerando muitas discussões e diferentes pontos de vista.

O terceiro momento podia acontecer antes ou após os dois anteriores (nunca entre eles). Trata-se do desenho. Eu pedia para as crianças desenharem como é o museu. Estes desenhos ajudaram a completar a configuração das relações entre crianças e museus. Mas vamos às falas das crianças.

### O que as crianças dizem

Entre as 95 crianças que participaram da pesquisa 65 consideraram que sim, todas as pessoas podem ir ao museu; 22 disseram que não, nem todos podem ir; enquanto 6 crianças ficaram na dúvida e responderam que talvez todos possam ir. Apenas uma criança disse não saber a resposta e uma outra não respondeu a esta pergunta.

Por estes números, que também podem ser visualizados no gráfico abaixo em forma de percentuais, podemos perceber o quanto a questão dividiu as crianças. E a divisão foi forte em três das quatro escolas.



Todas as pessoas podem ir a museus?	Quant.	%
Sim	65	68,42%
Não	22	23,16%
Talvez	6	6,32%
Não sabe / Não Respondeu	2	2,10%

Nas duas escolas particulares, 64% das crianças participantes da pesquisa responderam que sim, todos podem ir a museus. Na escola municipal este número foi de 57% dos participantes, o que mantém a idéia de que pouco mais da metade das crianças pensa desta forma ainda que as que pensam de forma diferente representem um número bastante significativo do total de crianças pesquisadas em cada escola. A única escola que apresentou um resultado diferente para esta

pergunta foi a escola estadual, onde 90% das crianças acharam que todos podem ir a museus.

Sem dúvida, um número considerável de crianças não está certa da possibilidade universal de acesso ao museu. Notamos que esta configuração não tem relação direta com o grupo social ou tipologia de escola ao qual pertencem, mas que permeia diferentes universos. Os motivos que utilizam para justificar o sim ou o não de suas respostas nos trazem as primeiras pistas sobre os pontos aos quais estão atentas essas crianças.

Nas respostas individuais, dadas durante o jogo de perguntas, o grande embate foi entre a característica pública do museu e a questão socioeconômica (com 21 e 16 respostas respectivamente) que, muitas vezes, impede que o direito adquirido seja respeitado e realizado. Embora este embate principal seja mantido, nas rodas de conversa também apareceu uma série de outros motivos para que todos possam ou não visitar os museus. Abaixo abordamos os temas que surgiram com mais força no conjunto da pesquisa, embora alguns não tivessem aparecido no jogo de perguntas, pois ao falarem, as crianças puderam esclarecer o que haviam dito, aprofundar seus argumentos, dar exemplos e até mudar de idéia algumas vezes. Embora tenha havido enfoques diferentes em cada uma das escolas, neste artigo discorrerei sobre os motivos para acesso ou não acesso citados pelas crianças através dos temas principais abordados, sem ênfase na escola em si.<sup>3</sup>

#### 1. Porque o museu é bom.

Atribuir a possibilidade de todos visitarem o museu aos atributos do próprio museu foi algo que aconteceu nas quatro escolas durante o jogo de perguntas ainda que de maneira bem dispersa em uma das escolas particulares.

É quase como se as crianças trocassem o “podem” pelo “deveriam”. “Todas as pessoas podem visitar museus porque é muito bom, porque se aprende mais, porque é legal, divertido, etc”. Na verdade estão dizendo: “Todos deveriam visitar museus porque é muito bom, etc.”.

Neste caso o foco da resposta está na pessoa e não no museu. Ela pode ir (e deveria fazê-lo). Esta categoria de resposta, embora tenha representado uma parcela significativa de todas as respostas dadas a esta pergunta, acaba sendo uma resposta mais fraca, a meu ver, pois faltou aos respondentes um entendimento maior do que a questão solicitava. Uma demonstração disto é que, embora este

posicionamento tenha sido significativo durante as respostas individuais ele quase não foi retomado nas rodas de conversa, e quando foi encerrou-se em si mesmo sem gerar discussão.

## 2. Porque o museu é público

Esta justificativa apareceu nas quatro escolas, o que nos leva a pensar que as crianças desta idade, de uma forma geral, conhecem o ideal de direitos iguais para todos e de bens públicos.

Por outro lado, mesmo reconhecendo o caráter público do patrimônio cultural, estas crianças começam a perceber que nem tudo que deveria ser o é de fato. Há aqui um conflito, para algumas crianças “*Todos podem ir porque todos são pessoas*” e isto é uma coisa clara e óbvia. Então, alguns outros colegas trazem questões que dificultam este acesso que deveria ser garantido a todos: dificuldades financeiras, de tempo, perfis de público que percebem como não aceitos no espaço museológico, entre outras. Este embate de posicionamentos fez as crianças discutirem e, em alguns casos defenderem suas posições, em outros as repensarem.

Até que ponto todos tem os mesmos direitos? Até que ponto os direitos estão somente no papel? Esta discussão está presente no mundo destas crianças, ainda que algumas a tenham percebido apenas no momento da conversa, a partir das contribuições dos colegas. Crianças mais ou menos maduras perceberam a distância entre o dito e o feito neste assunto, umas contribuindo com o olhar das outras, com colocações bastante severas e conscientes nas quatro escolas.

Esta não é uma zona de tráfego simples. O menino que percebe que algumas pessoas não têm dinheiro para entrar no museu ainda assim não consegue conceber que o museu não seja público e aberto a todos. Não que ele discorde de sua colega que alertou sobre o problema do preço dos ingressos, mas também tem certeza de sua posição. Existe uma certa dificuldade em boa parte das crianças em juntar os dois fatos. Como uma coisa deve ser e ao mesmo tempo não é? Talvez por isso, na maioria dos grupos, o assunto tenha permanecido em aberto.

Por outro lado algumas crianças conseguiram perceber que, ademais da promessa de acesso universal e dos teóricos direitos iguais para todos, na prática as coisas não são tão simples assim. Que somente o fato de um bem cultural ser público não garante que todos consigam usufruí-lo. E esta é uma percepção

bastante séria e madura destas crianças que, quem sabe, poderão ajudar a mudar esta realidade.

### 3. Crianças pequenas não podem entrar

Esta questão apareceu na escola estadual e na escola waldorf com bastante destaque. Na escola estadual foi uma menina que trouxe o “*quando era pequena não podia ver*”, já na escola waldorf isto foi discutido por todos na roda de conversas com vários alunos concordando que crianças pequenas não podem ir ao museu e apenas uma criança afirmando que elas podem, desde que acompanhadas por um adulto.

Mas por que as crianças pequenas não podem ir aos museus? Vejamos um dos motivos alegados: “*porque a gente ainda não conhecia nada*”. Como colocado por esta criança e já estudado por Pierre Bourdieu (2007) o museu se apresenta como algo acessível aos iniciados. Hoje esta criança considera-se iniciada, agora ela já pode ver, porque agora já conhece (algumas) coisas. Qual será o conhecimento que a mesma julgou necessário para poder “ver”? Não fica claro se ela está se referindo ao conhecimento de vida (por ter mais idade), escolar ou algum conhecimento específico.

Na escola waldorf muitos concordam que crianças pequenas não podem, ou não devem entrar no museu. Pergunto com qual idade não podem/devem entrar. Alguns falam de cinco anos, outros de dois ou três anos. Os motivos alegados são variados: as crianças pequenas podem derrubar ou quebrar as peças expostas no museu; podem querer mexer, etc. Mas vejamos este argumento:

**Aluna** – Eu acho que as crianças pequenas não podem ir ao museu porque elas não vão se divertir muito porque não tem coisas que são pra idade delas e não podem fazer barulho que atrapalha as pessoas para ver as coisas e elas podem quebrar as coisas.

Esta criança coloca outra questão, a de que o museu não tem coisas próprias para as crianças pequenas. Isto me faz lembrar uma discussão que tínhamos quanto ao atendimento das Escolas Municipais de Educação Infantil em instituições culturais (SELLI, 2009). Se as exposições são de classificação livre, por que muitas instituições não recebem alunos menores de seis anos? O quanto as instituições museológicas se preparam para receber este público? Será que oferecem atividades específicas para eles? Com que frequência? Será que, como dizem estas crianças, existe idade mínima para frequentar museus?

A fala transcrita acima também lembra a questão do barulho, também citado por outros alunos da mesma escola. O museu, como lugar de contemplação, exige silêncio para que as pessoas possam apreciar as obras. Será? Será que o museu perpetua-se como local de contemplação? Até que ponto e de que forma?

Retomando a definição do ICOM que diz que museu é uma:

“instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público e que adquire, conserva, investiga, difunde e expõe os testemunhos materiais do homem e de seu entorno, para educação e deleite da sociedade.” ( trecho extraído de IBRAM – endereço eletrônico <http://www.museus.gov.br>, consulta realizada em 26/07/2010).

Percebemos que esta definição está bem distante dos espaços conhecidos antigamente como “Gabinetes de Curiosidades”, abertos somente a alguns e destinados principalmente ao colecionismo, contemplação e à afirmação do poder (MOURA 2007). A dinâmica do museu de hoje, embora englobe a apreciação, é muito mais complexa e exige ações que nem sempre combinam com o silêncio.

#### 4. Ladrão não pode entrar

Interessante notar que em duas escolas (municipal e particular waldorf) as crianças chamaram a atenção para o banditismo. Para algumas destas crianças quem é ladrão não pode entrar no museu. Ademais das manifestações dos próprios colegas dizendo que “*O museu é público então todos podem entrar*” e “*O que o ladrão vai querer fazer lá?*”, o assunto mereceu a atenção das crianças por algum tempo. Por que será que esta figura mantém alguma presença nas falas das crianças? O que ela representa em seus repertórios? Há algo mítico na figura do ladrão? Ou este comentário traz outras referências?

Mais interessante o ladrão ter aparecido em ambientes tão diferentes quanto à escola municipal e a escola waldorf. Quais são as relações destas e daquelas crianças com o “ladrão”?

Um contexto que atinge a todos e que devemos considerar aqui também é a influência da mídia sobre o assunto. As crianças vêm a todo o momento a criminalidade na TV através de telejornais, filmes e desenhos animados. Lembremos que recentemente na cidade de São Paulo também tivemos dois assaltos a museus<sup>4</sup> bastante evidenciados pela mídia, o que gerou uma série de discussões, eventos e projetos sobre segurança em museus. Para o público fica a notícia que, ao passar de boca em boca, ajuda a configurar no imaginário popular a relação crime-patrimônio ou ladrão-museu. Estas respostas das crianças podem ser uma de suas faces.

## 5. “Ser barrado”

**Aluno** - (...) E eu queria dizer que uma vez eu fui ao museu, (...) e eu vi um cara sendo barrado lá e depois no dia seguinte meu pai também quis visitar lá de novo, porque não deu tempo, daí eu entrei, eu tava lá na entrada, daí o cara falou: “Precisa de casaco” Daí eu não tinha casaco, aí minha mãe me emprestou daí eu pude entrar. Mas porque o cara ficava dizendo, o cara falou que eu não podia entrar sem casaco assim...

**P** - E as pessoas que você viu sendo barradas você sabe porque elas foram barradas?

**Aluno** – Não, eu não entendi o motivo.

O diálogo acima aconteceu com um aluno da escola waldorf. O termo “barrado” apareceu claramente apenas esta vez. Embora o menino não soubesse explicar por que o outro havia sido barrado (ou mesmo se havia sido de fato) ele demonstra claramente que esta foi a impressão que ele teve. A riqueza de detalhes da história contada mostra que este dia e fato ficaram marcados na memória deste menino.

É interessante notar, apesar desta ter sido uma resposta única, que esta criança atribui exclusivamente ao museu o fato de nem todos poderem entrar. Diferente daqueles que levam a responsabilidade ao próprio visitante (tem mau comportamento, é muito pequeno, etc.) ou para fatores externos (não podem pagar o ingresso) este caso atribui ao museu a responsabilidade de escolher quem entra ou não em seus espaços.

O ser barrado é uma coisa freqüente em nossa sociedade, ao mesmo tempo, é tabu falar sobre isto. Isto porque vai contra a igualdade de direitos da qual todos deveriam usufruir. As instituições afirmam a universalidade de acesso aos seus acervos e espaços, mas até onde o fazem de fato? Quantas minorias (poderíamos dizer maiorias) ficam de fora do universal? E de quem são os privilégios? Já ouvi um curador dizer “*Se estiver bem vestido, não precisa convite, pode deixar entrar*”. O que nos lembra que fatores como vestimenta, calçado e asseio podem ser aceitos ainda como desculpa para impedir a entrada de determinadas pessoas a determinados lugares. Vemos aqui instalado um problema de classe social por trás das questões de aparência.

Na fala de outra criança da mesma escola o assunto apareceu de forma difusa, através da palavra preconceito: “*Tem algumas pessoas que tem alguns preconceitos e não deixam entrar*”. Esta criança não tinha esta opinião no início da conversa. Ela ouviu a fala dos colegas e as foi incorporando à sua fala.

Embora estes comentários sejam isolados em relação ao todo pesquisado, nos alertam para o fato de que as crianças estão atentas a este tipo de atitudes discriminatórias, e podem aprender com elas, imitando-as ou repudiando-as, de



acordo com as suas outras vivências. Espera-se que nenhuma criança cresça achando estes preconceitos normais, mas infelizmente sabemos que isto acontece o tempo todo.

#### 6. A questão socioeconômica

Este foi o ponto de maior adesão das crianças quando se perguntava, por que nem todas as pessoas podem ir a museus. A única escola onde este motivo não apareceu nenhuma vez foi na escola estadual. Na municipal e na particular tradicional foi citado com ênfase por mais de uma criança. Já na escola waldorf o assunto apareceu com menos importância, mas também de forma clara.

Na escola municipal foram algumas meninas que defenderam esta idéia, ademais de seus colegas afirmarem que todos poderiam entrar, pois o museu é público. Foi uma discussão acirrada e muito rica. Estas crianças são capazes de entender e diferenciar que sim, todos deveriam ter o direito a frequentar estes espaços, porém a realidade impõe outros obstáculos que somente a lei não consegue sanar.

Na escola particular também houve discussão a este respeito, mas o enfoque foi outro. Várias crianças afirmavam que nem todos podiam frequentar museus, pois existem pessoas que não podem pagar o ingresso. Em contrapartida havia um outro grupo de crianças que (sem discordar de que as pessoas não têm dinheiro para a entrada) levantaram alternativas para que o museu fosse de acesso universal. Alguns lembraram que existem museus gratuitos, o que em si não garante a universalidade de acesso, já que segrega as pessoas que não tem condições financeiras a frequentar apenas determinados museus – os de entrada gratuita. De toda forma é interessante ver que estas crianças estão enxergando estas possibilidades e esforços.

A respeito disto, em outras escolas as crianças também lembraram que existem museus de entrada paga e outros de entrada gratuita, o que apareceu principalmente na pergunta “Para entrar no museu, é necessário pagar alguma coisa?”. Na cidade de São Paulo, além de haver uma boa gama de opções gratuitas todos os dias, os museus pagos normalmente reservam um dia da semana (ou do mês) para entrada gratuita a todos os públicos, como o MASP às terças-feiras, por exemplo. Outra medida dos museus para não excluir financeiramente é oferecer entrada gratuita a grupos provenientes de escolas públicas e instituições sem fins

lucrativos. Infelizmente esta ação se restringe à escola que, muitas vezes, não a aproveita por não conseguir pagar o transporte até o local, ou por outros motivos.

Voltando às crianças, as respostas dos alunos da escola particular tradicional mostram que, apesar de existirem ingressos e pessoas que não podem pagá-los, existem outros mecanismos que podem garantir o acesso dos que não tem condições por conta própria de pagar a entrada do museu. Uma criança respondeu que, quando não se tem dinheiro “*entram com a gente de graça*”, outra disse que “*existem pessoas boas*” e uma terceira afirmou que é “*responsabilidade dar para os pobres*”.

Veamos cada uma destas respostas: no meu entendimento, elas são partes complementares de um único pensamento, pensamento este que só apareceu nesta escola e em ambos os grupos da mesma. Trata-se de um pensamento de responsabilidade social, individual ou institucional, que diz que se há alguém que não pode pagar para entrar no museu (por exemplo) a sociedade deve suprir esta falta, ajudar esta pessoa, seja esta uma ação de pessoas físicas (porque existem pessoas boas), seja institucional (se não temos dinheiro eles entram com a gente de graça) ou ambos.

Talvez esta visão seja decorrente da educação destas crianças (É muito interessante o fato de não ter aparecido em nenhuma outra escola e ter aparecido nos dois grupos – classes diferentes – desta unidade escolar.). Lembramos então que esta é uma escola católica, que tem como um de seus princípios “Promover testemunho dos valores cristãos na vida comunitária, através de ações que demonstrem justiça, fé, solidariedade, companheirismo e respeito” e que pode, na minha opinião, ser perfeitamente ilustrado pelas falas destas crianças e sua relação com o outro.

Para finalizar este artigo sobre o acesso aos museus pelos olhos das crianças vemos que, embora a maioria destas crianças acredite que todos possam ir a esta instituição, conseguem enxergar também fatores que dificultam o acesso, sendo o principal deles a questão financeira. Além disto, estas crianças nos abrem os olhos para situações que as deixam desconfortáveis dentro do museu e para a maneira como podemos receber este público, especialmente os menores. Nos falam de preconceitos e distanciamentos, de códigos culturais e problemas sociais, de direitos e de suas realidades.

---

<sup>1</sup> Este artigo é um recorte da pesquisa de Mestrado “Crianças, museus e formação de público em São Paulo” desenvolvida pela autora no Programa de Pós-graduação em Artes da Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho – UNESP, sob orientação da Profa. Dra. Rejane Galvão Coutinho, com término previsto para agosto de 2011

<sup>2</sup> As perguntas versavam sobre os diversos aspectos dos museus e as relações que as crianças poderiam estabelecer com eles.

<sup>3</sup> Uma abordagem detalhada por escola pode ser encontrada na própria dissertação que foi a origem deste trabalho.

<sup>4</sup> MASP em 2007 e Estação Pinacoteca em 2008. (ABOS, 2007 e G1, 2008).

## REFERÊNCIAS

ABOS, Márcia; GOMES, Wagner; GUANDELIN, Leonardo; LETTIERE, Giovani. **Roubo no Masp**: ladrões já haviam feito outras duas tentativas; há suspeita de que quadros de Portinari e Picasso tenham sido seqüestrados. In: O Globo Online, 20 dez 2007. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/cultura/mat/2007/12/20/327696487.asp>> Acesso em: 21 ago 2010.

BOURDIEU, Pierre; DARBEL, Alain. **O Amor pela Arte**: Os museus de arte na Europa e seu público. 2. ed. Tradução: TEIXEIRA, Guilherme João de Freitas. São Paulo: Edusp, 2007.

G1, **Quadros são levados da Estação Pinacoteca de SP**. In: G1, 12 jun 2008. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/SaoPaulo/0,MUL598831-5605,00.html>> Acesso em 21 ago 2010

IBRAM – Instituto Brasileiro de Museus. Disponível em: <<http://www.museus.gov.br>>, Acesso em 26/07/2010.

MOURA, Lidice Moura de. **Arte e Educação**: Uma experiência de formação de educadores mediadores. Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista (UNESP). São Paulo, 2007.

SELLI, Paula Hilst. A criança pré-escolar, a gravura e o museu: possibilidades. In: **Diálogos entre Arte e Público**: Educadores entre museus e salas de aula: que diálogos são esses? Caderno de Textos II. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2009

### Paula Hilst Selli

Graduada em Educação Artística com Habilitação em Artes Plásticas pela ECA-USP, mestranda pela UNESP. Trabalhou na Caixa Cultural de São Paulo (2005 a 2010), hoje é educadora do Museu Lasar Segall – IBRAM/MinC e membro do CECA/ICOM